

# US\$ 15 bilhões a mais para o Brasil

José Augusto  
Marques \*

**E**m uma de suas mais fabulosas peças, o escritor William Shakespeare faz de Otelo, corajoso príncipe mouro conquistador de Veneza, uma vítima das artimanhas do nobre soldado Iago, um dos seus mais valorosos seguidores. O enredo descreve, através de inúmeras tramas, como o ciúme é capaz de embaçar a visão de homens experimentados e provocar catástrofes sem tamanho. A reconhecida habilidade do dramaturgo inglês em

**Cai o mito  
de uma nação  
recheada de  
riquezas e  
cercada por  
salteadores**

mostrar como sentimentos tão pessoais podem afetar a vida política das nações é um dos melhores instrumentos para entender um assunto que vem pontuando o "agenda setting" nacional nos últimos quarenta anos: a prospecção e a exploração de petróleo.

No dia 6 de agosto, o presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a lei que regulamenta o setor de petróleo e gás no Brasil, flexibilizando o

monopólio da Petrobras, empresa estatal criada durante os anos 50, período do auge da campanha "O petróleo é nosso". Naquele momento, o mito de uma nação recheada de riquezas e envolta por um bando de saqueadores soava como uma cantilena para políticos pobres de plataformas consistentes. Havia aqueles que realmente acreditavam no mito, como alguns até hoje acreditam piamente.

Mario Vargas Llosa, intelectual peruano, foi um dos primeiros a demolir a historieta. Para ele, o seu país deveria ser represen-

tado por um índio chorando de fome sentado em cima de um pote de ouro. Como é sabido, o ser humano não é capaz de se alimentar de metal, da mesma forma que possuir US\$ 1 milhão no meio do deserto não fará muita diferença para a garganta seca do infeliz nômade. Há ocasiões em que uma botija com água significa mais do que uma mina de diamantes.

O debate passional

sempre diminuiu o segmento de petróleo e gás no Brasil. Os rótulos "estratégia" e "segurança" pautaram o desenvolvimento do setor e conduziram a uma política isolacionista malsã. A nova legislação, de uma vez por todas, sepulta um modelo de financiamento e operação da infra-estrutura nacional elaborado durante os anos de consagração do populismo. Traz um novo formato, que com certeza irá impulsionar o País na rota segura de desenvolvimento candente e contínuo.

Por trás da liberdade para a livre exploração e a comercialização de petróleo e seus derivados, houve mesmo uma mudança brutal na maneira de conceber e planejar o setor. A busca pela auto-suficiência, objetivo que por décadas foi perseguido, na "carona" oportunista do nacionalismo desenfreado, deixou de ter um sentido

em si mesma e passou a ser um dos instrumentos para a meta principal: o aproveitamento eficaz de todas as potencialidades da nação, de modo a assegurar o atendimento pleno às demandas sociais.

Em nossos estudos, possuímos o conhecimento de 134 projetos no setor de petróleo e gás, que movimentarão recursos da ordem de US\$ 32,1 bilhões até o ano 2000. Os nossos associados, em todo o mundo, possuem reservas de 25 bilhões de barris de petróleo e 10 bilhões de metros cúbicos de gás natural. Produzem, diariamente, 8 milhões de barris e 1,6 milhão de metros cúbicos de gás. Somente em dutos, têm 400 mil quilômetros construídos. Esse conjunto de empresas investe, por ano, US\$ 25 bilhões no setor. Obviamente, por impedimento legal, nem um único centavo no Brasil até hoje. Agora, as nossas es-

timativas indicam que essas companhias irão aplicar cerca de US\$ 15 bilhões até o fim do milênio em nosso país. A nova legislação irá praticamente triplicar o número de investimentos privados e, dessa maneira, propiciar um salto de produção inimaginável.

Apesar de sua inegável consistência e importância, esses números podem esconder os verdadeiros triunfos da nova regulamentação. A futura Agência Nacional de Petróleo (ANP), prevista para estar em funcionamento até o final do ano, retira o

**A livre  
concorrência  
no setor  
ajudará a  
conquistar novas  
tecnologias**

e, sobretudo, na geração de empregos diretos e indiretos. Os grandes grupos internacionais, livres das viperinas discussões passionais dos patriotas de plantão, não trarão somente mais postos de trabalho e capital, e sim farão do Brasil um dos pólos de excelência na nova ordem econômica mundial. ■



A estatal brasileira de

\* Presidente da Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib).